

**A TENSÃO DO(S) SENTIDO(S) DE “ASSÉDIO SEXUAL”
NO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DESENCADEADO
PELO MOVIMENTO “METOO”**

Iasmin dos Santos Silva (UEMS)

iasmin.dss@gmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

Este artigo trata de um assunto que ganhou espaço na mídia nos últimos anos: o assédio sexual. A esse respeito, diferentes discursos entram em circulação, produzindo efeitos de sentido variados acerca do que é, e do que deixa de ser assédio sexual. Desse modo, toma-se por objeto dois acontecimentos discursivos antagônicos e de ampla repercussão midiática, gerados após os casos de denúncia de assédio sexual contra o diretor de Hollywood, Harvey Weinstein, bem como após a criação do movimento #MeToo, na rede social *Twitter*. Fundamentando-se na Análise do Discurso de linha francesa, o objetivo principal do estudo é detectar, nos diferentes discursos, qual sentido de assédio sexual é atualizado, verificando-se em quê, e de que modo esses sentidos diferem e até mesmo antagonizam entre si. O *corpus* de análise é formado por textos midiáticos. Por razões metodológicas, os discursos foram divididos em dois grupos. As análises apontam que, no Grupo 1, o sentido de “assédio sexual” está relacionado a “paquera”, “exercício da liberdade sexual”, enquanto que, para o Grupo 2, a associação se faz com “violência”. O fato de o Grupo 1 tratar assédio como não sendo violência revela que este discurso é atravessado por discursos decorrentes de uma concepção patriarcal da sociedade. No Grupo 2, composto por feministas, é nítida a distinção e o contraste entre as ideologias e os diferentes sentidos de assédio sexual. Como considerações finais, observamos que os dois discursos refletem posicionamentos históricos e ideológicos, o que, em nossa hipótese, permite explicar as diferentes representações e sentidos de “assédio sexual”.

Palavras-chave:

Feminismo. Assédio sexual. Análise do discurso.

ABSTRACT

The research sought a topic that has gained space over the last years: sexual harassment. Regard This, different speeches circulate. Forming several effects of meaning about what it is, and what lacks to be sexual harassment. With this purpose, the research takes for object two antagonistic speeches with wide mediatic repercussion, generated after sexual harassment complaints against Hollywood director, Harvey Weinstein, as well as the creation of the #MeToo movement, at *Twitter* social network. Justifying the research with the French side of Discourse Analysis, the primordial objective of the study is to detect, in the different speeches, what is the recent sense of sexual assault, and in what way they differ. The analysis corpus is formed by mediatic texts. For methodological reasons, the discourses have been divided into two groups. The analysis pointed out that for Group number 1, sexual harassment sense is related

with flirting, sexual freedom exercise, meanwhile, for group number 2, It is associated with violence. The fact that group number one tread harassment like It is not violence reveals that this speech is crossed with a patriarchal conception of society. Group number 2, composed by feminists, It is clear the distinction between ideology and the different senses concerning sexual harassment. As final considerations, we observed that the two speeches reflect ideological and historical positions, allowing our hypothesis to explain different representations of “sexual harassment”.

Keywords:

Feminism. Discourse analysis. Sexual harassment.

1. Introdução

O final do ano de 2017 foi marcado, nas mídias internacionais, por denúncias de assédio sexual feitas por várias mulheres, em grande parte atrizes de Hollywood, contra o famoso produtor de cinema americano Harvey Weinstein. As acusações estavam ligadas às insinuações do produtor, reuniões particulares em quartos de hotéis onde, segundo as denúncias, ele tentava aproximações, e teria, inclusive, cometido estupro.

Após essa “explosão” de denúncias contra o produtor, inúmeras atrizes e mulheres anônimas usaram as redes sociais para expor os assédios e agressões de que teriam sido vítimas. A atriz Alyssa Milano, com o intuito de mostrar a quantidade de mulheres que já sofreram assédio, criou a *hashtag* #MeToo, que incentiva vítimas de assédio a simplesmente compartilharem em seus perfis a *hashtag*, dando início a um movimento que teria grande repercussão nas mídias internacionais. Na França, uma outra *hashtag*, #BalanceTonPorc (Denuncie seu porco, traduzindo do francês), foi criada pela jornalista Sandra Muller, com o mesmo intuito.

Após esses fatos, um grupo composto por aproximadamente cem mulheres intelectuais francesas, entre elas a legendária atriz Catherine Deneuve, publicou um artigo no jornal francês *Le Monde*, mostrando repúdio aos movimentos anteriormente citados, alegando que não se sentiam representadas por essa onda do feminismo que prega uma “caça aos lobos” e, ainda, que consideram indispensável para a liberdade sexual o “direito do homem de importunar”.

Após a publicação deste artigo, um grupo de feministas francesas, indignadas com as palavras usadas no artigo, publicou um outro artigo, como forma de resposta, no mesmo jornal onde, como já esperado, se posicionaram totalmente contrárias às ideias das cem mulheres.

É por meio de todo esse trajeto que chegamos ao objeto da pes-

quisa, que pode ser definido como a tensão dos sentidos de “assédio sexual” em discursos feministas antagonistas. A partir do referencial teórico da Análise do Discurso Francesa, a pesquisa tem como hipótese que o termo “assédio sexual” é interpretado de modo distinto, segundo as posições ideológicas assumidas pelos sujeitos feministas: de um lado, atrizes e outras personalidades americanas; de outro, atrizes e intelectuais francesas.

Tendo ciência de que o assédio é um tema que vem ganhando seu espaço dentro das discussões midiáticas e, conseqüentemente, traz consigo diferentes abordagens e opiniões, por meio desta pesquisa encontramos a maneira como esses dois discursos são formulados, os quais inúmeras vezes foram e ainda são propagados por variados e inúmeros sujeitos pertencentes à classe intelectual e artística.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar dois discursos antagonistas acerca do termo “assédio sexual”, a partir do acontecimento discursivo desencadeado pelo movimento *#MeToo*. Dentre os objetivos específicos da pesquisa, podemos destacar três principais: 1) descrever e interpretar enunciados dos respectivos discursos; 2) identificar como cada ideologia se materializa nos dois discursos; 3) apresentar comparações, mostrando em que cada discurso difere ou converge em suas ideias.

A pesquisa tem por base teórica a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Diferentemente da linguística, a AD não trata a língua como um mero sistema de signos que significam mutuamente, mas como a forma materializada da ideologia do homem enquanto sujeito, buscando trabalhar a relação entre a língua, o sujeito e a ideologia: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2009, p. 17). A AD não trata a língua como algo que só cabe a ela mesma, mas como resultado de fatores sociais, históricos e culturais. A língua não é transparente, pois “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituem e que no entanto significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2009, p. 20).

O corpus de análise da pesquisa é formado por textos midiáticos (notícias, reportagens, artigos) que contribuíram para situar os acontecimentos. A partir desse corpus, foram feitos recortes de enunciados, de acordo com sua pertinência, no intuito de alcançar os objetivos da pesquisa. Depois de feita a seleção, os enunciados foram organizados para

que assim pudessem ser analisados.

2. A análise do discurso

2.1. Breve histórico da Análise do Discurso (AD)

Muito se sabe que a primeira metade do século XX foi marcada por uma nova ciência, a Linguística, tendo como seu principal responsável e idealizador o suíço Ferdinand de Saussure. Uma das principais características dessa nova ciência são as suas dicotomias, sendo a mais famosa delas e a que nos importa aqui: língua vs fala (*langue vs parole*). Saussure acreditava que a língua, considerada social, tinha o caráter de estabilidade, visto que, para ele, a língua se assemelha a uma estrutura e assim tomou a língua como objeto de estudo da linguística. Quanto à fala, acreditava ser esta individual, e que no momento em que sua ciência estava em fase de consolidação, não seria este um objeto da Linguística.

A partir da segunda metade do século XX, teve início uma série de questionamentos a respeito da necessidade de estudos sobre a fala (*parole*), que até então havia sido deixada de lado, pois a divisão feita anteriormente já não bastava. Viu-se aí a possibilidade de se estudar o aspecto subjetivo da linguagem, o que, segundo Brandão (2003), provocou uma viradana dos estudos linguísticos.

No final da década de 1960, na França, momento de completa euforia, com inúmeros discursos políticos e ideológicos prontos para serem estudados e interpretados, e ainda, no momento de expansão de uma nova Linguística, desapegada do estruturalismo, é que se inicia a AD, como diz, Malidier (1994, p. 175 *apud* BRANDÃO, 2003, p. 5): “[...] O projeto da AD nasce neste contexto [...] o liame entre a expansão da linguística e a possibilidade de uma disciplina (nova) [...]”.

Malidier (1994) afirma que a AD tem dois fundadores: Michel Pêcheux e Jean Dubois. Pêcheux, filósofo, pensava a AD como “uma ruptura epistemológica em relação ao que se fazia nas ciências humanas articulando a questão do discurso com o sujeito da ideologia” (BRANDÃO, 2003, p. 5). Assim, Pêcheux é o responsável pela teorização do objeto da AD: o discurso.

Pêcheux então foi o responsável pela inserção da relação entre o discurso e suas condições de produção, em vínculo estreito com a língua,

o sujeito e a história. Para Pêcheux, sujeito e sentido são construídos ao mesmo tempo, com interferência da ideologia, e o sujeito se define de acordo com o lugar de onde diz, ou seja, de acordo com uma formação ideológica (FI) que estabelece uma ou mais formações discursivas (FD), que, por sua vez, são responsáveis por “controlar” o que o sujeito pode ou deve dizer.

Ao final da década de 1970, a chamada AD-1 ainda sofria críticas a respeito de sua instabilidade enquanto objeto, e a FD, que Pêcheux acreditava ser fechada, refletiu-se em um objeto também fechado e homogeneizado. Segundo Maingueneau (2012), também na mesma época, a entrada em cena de novas perspectivas teóricas, como as abordagens pragmáticas (análise da conversação, teoria da enunciação), as ideias de Foucault e do Círculo de Bakhtin, com a perspectiva dialógica da linguagem e os gêneros do discurso, resultaram na abertura e reconfiguração da AD.

É com a abertura das FDs que se entende que estas sofrem interferência de discursos exteriores, ou seja, interferência de outras formações discursivas, o que conduz a AD à noção de interdiscursividade: o discurso é visto, então, como heterogêneo. Como já dito antes, as ideias de Bakhtin muito contribuíram para essa “nova AD”. Com sua noção de dialogismo, tem-se agora a presença do outro, seja ele como o destinatário, seja ele como outro discurso incorporado em outros discursos, pois a linguagem é compreendida no âmbito de uma interação social, e o sentido se constrói na medida em que há interação entre locutores.

Em sua terceira fase, um dos nomes de destaque nos estudos discursivos e responsável por conceitos estudados na AD, segundo Brandão (2003), é Jacqueline Authier-Revuz, que trabalha as formas linguísticas da interdiscursividade, isto é, a heterogeneidade discursiva.

2.2. O discurso

Vamos agora definir o que é discurso. De forma genérica, podemos dizer que o discurso corresponde à língua mais as condições de produção do discurso. Porém, essa língua não é a mesma língua estática e recortada proposta pelo estruturalismo. Orlandi (2004) diz que a palavra “discurso” carrega em si a ideia de percurso, movimento, sendo assim, o discurso é a língua em uso, a forma material da língua, o único modo possível para a existência do sentido dos/nos textos. Porém, o discurso

não é apenas a língua em uso, ele também é a língua em uso, carregada de sentidos, como define Brandão: “toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes” (BRANDÃO, [s.d], p. 2).

O discurso carrega em si não só signos linguísticos, mas reflete as condições de produção, o contexto em que foi enunciado (quem diz, onde diz, pra quem diz etc.); desse modo, transcende o nível linguístico dos textos. Nessa perspectiva, o sentido de um texto/discurso só pode ser acessado correlacionando-se os aspectos linguísticos do texto aos conhecimentos extralinguísticos, como condições para a interpretação. O discurso é repleto de “não ditos”, de conteúdos/representações implícitos que, na maioria das vezes, passam despercebidos de quem o ouve ou o lê, pois o discurso pode ser encontrado tanto na forma oral quanto na forma escrita.

O discurso também é a forma material da ideologia, visto que é produzido por um sujeito socialmente organizado, por isso, “crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem” (BRANDÃO, [s.d], p. 2). Assim, compreendemos que nenhum discurso é puro ou neutro; muitas vezes somos levados a pensar que um discurso está livre de qualquer ideologia, mas isso é um efeito de sentido causado por tal discurso.

Antes de iniciarmos as análises, é necessário explicar de forma resumida o que são os gêneros do discurso. Bakhtin vai defini-los como “tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 262), onde cada esfera da sociedade produz discursos que são mais ou menos prototípicos, e que seguem um padrão relativo de organização e conteúdo. Como gêneros do discurso, podemos citar desde uma aula em uma universidade, uma conversa cotidiana, até um grande romance de época.

Primeiramente, o discurso exige uma organização transfrástica. Para se compreender um discurso, é necessário que se enxergue para além do dito. Todo discurso é uma unidade completa. Essa organização variada acordo com as esferas de atividade humana em que os gêneros do discurso são produzidos e postos em circulação.

O discurso é orientado, pois se desenvolve de acordo com o tempo, visto que todo discurso é construído com a ideia de acabamento, de

que terá um “ponto de chegada”, porém nem sempre ele vai alcançar a chegada de forma linear, pois podem ocorrer antecipações, (“veremos a seguir”, “será dito”, etc.), ou através de retomadas, (“como havia dito”, “ou melhor”, etc.).

O discurso, segundo Maingueneau (2012), é uma forma de agir. Austin (1962) já se referia a esse aspecto da linguagem, onde o sujeito, ao enunciar, produz atos de fala (atos de prometer, afirmar, questionar, etc.). Desse modo, ao tomar a palavra, o locutor age sobre o outro (interlocutor), e essa forma de ação vai variar de acordo com o gênero discursivo empregado pelo enunciador.

O discurso é interação. Quem diz algo, sempre diz para alguém. Muitas vezes se considera o discurso no âmbito da conversação, mas a conversação é apenas uma das formas pelas quais o discurso se manifesta.

O discurso é parte indissociável de seu contexto. Um discurso não pode ser interpretado fora de seu contexto, seja ele qual for, e sob a forma de uma troca verbal, e ainda, “o discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação” (MAINGUENEAU, 2012, p. 171).

O discurso é sempre dito por alguém e dirigido a esse alguém, sendo então impossível a existência de um discurso sem a existência do sujeito enunciador. Este é o responsável pelo enunciado: suas referências temporais e espaciais. Segundo Charaudeau (2012), o sujeito enunciador pode escolher como modelar seu grau de adesão (“Eu digo que é muito bonito”), atribuir responsabilidade a outro (“Maria disse que acha muito bonito”) ou comentar (“Na minha opinião é bonito”).

O discurso é um comportamento social, e assim como todos os outros discursos, ele é regido por normas. Todo discurso necessita de suas próprias normas, porém, uma norma permeia todos os discursos: a de que nenhum discurso existe sem uma justificativa do porquê de sua existência, e das formas assumidas.

O discurso é tomado pelo interdiscurso. O discurso necessita dialogar com outros discursos para que assim lhe seja atribuído sentido, e para que seja passível de interpretação. Por carregar essa necessidade de se colocar em relação a outros, segundo Brandão ([s.d]), o discurso é polifônico, pois carrega outras vozes. Nenhum discurso é único e primário no mundo, todo discurso carrega em si outros discursos.

2.3. Formação ideológica e formação discursiva

Nesta pesquisa, dois conceitos da AD são de suma importância, por isso, exploramos neste item as noções de formação discursiva e formação ideológica, que estão inter-relacionados.

Como já dito anteriormente, o discurso é produzido por um sujeito, histórica e ideologicamente situado. Assim, “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza” (BRANDÃO, [s.d], p. 46), ou seja, é no discurso que a ideologia se materializa, e esta também é responsável pela formação ideológica, que, por sua vez, estabelece uma ou mais formações discursivas.

A formação ideológica pode ser classificada, de acordo com Brandão ([s.d]), como um complexo de atitudes e representações que não são individuais, mas tampouco universais, e que se relacionam quase que de forma direta às posições de classe conflitantes. A formação ideológica contribui para a atribuição de sentido ao discurso, visto que “[...] o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2004, p. 42).

Como define Orlandi (2004), a formação discursiva é “[...] aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2004, p. 43); de forma resumida, a formação discursiva é o conjunto de discursos que uma formação ideológica “disponibiliza” ao sujeito, para que ele profira dizeres.

Assim como a FI contribui para a atribuição de sentido ao discurso, a FD também assim procede, visto que esta é parte daquela, sendo assim, tudo o que é dito, vindo de uma FD específica, vai significar de uma forma diferente do que significaria caso viesse de uma outra FD. Sabendo-se disso, é possível notar que as palavras não possuem sentido em si mesmas, pois seu sentido se constrói no interior das formações discursivas nas quais estão inscritas, pois todos os nossos dizeres e práticas carregam traços de nossas formações ideológicas (ORLANDI, 2004).

É preciso ressaltar que as formações discursivas não são homogêneas, ou que funcionam automaticamente, sempre da mesma maneira, mas “[...] são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas [...]” (ORLANDI, 2004, p. 43). Assim como o sujeito, as formações discursivas estão a todo momento se recon-

figurando, recebendo e integrando discursos vindos de outras FD, aceitando o interdiscurso.

2.4. Acontecimento histórico e discursivo

Para nossos propósitos, faz-se necessário contextualizar o que é acontecimento histórico e acontecimento discursivo, e quais acontecimentos serão trabalhados enquanto objeto de nosso estudo.

A AD considera como acontecimento histórico um recorte de fatos ocorridos em um determinado momento, que “pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (DELLA-SILVA, 2008 *apud* RASSI, 2012). Em outras palavras, para a AD, um acontecimento só pode ser considerado histórico quando em torno dele surgem novos ou renascem antigos discursos, com novos/outros sentidos, fazendo, assim, com que também se torne um acontecimento discursivo.

Michel Pêcheux (1990), na obra *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, explica o que entende ser o acontecimento discursivo, ao analisar a expressão francesa *On a gagné* (“Ganhamos”), que até o dia 10 de maio de 1981, data em que a esquerda francesa ganha as eleições presidenciais, era proferida apenas em estádios esportivos, mas que naquela data fora repetida inúmeras vezes pelos “vencedores”.

Pêcheux (1990) vai dizer que o discurso é concebido não na materialidade proposta pelo estruturalismo, em que se tem a noção de signo composto por significado e significante como elementos estáveis, mas, em vez disso, compreende que o discurso é formado por significantes repletos de historicidade, o que conseqüentemente lhe confere certa instabilidade. Então, temos aqui um discurso que é formado tanto pela estrutura, como também pelo acontecimento, podendo este ser definido como o momento exato em que a atualidade se encontra com a memória (PÊCHEUX, 1990).

Ao tratar do enunciado *On a gagné*, Pêcheux (1990) vai dizer que o enunciado só adquire um caráter estável dentro do ambiente esportivo, onde sempre é proferido pelo time vencedor, onde é passível de compreensão, tendo em vista a estabilidade de significado que as condições de produção (as quais podemos dizer que, no exemplo, em sua maioria seguem um padrão, por isso também, estáveis) possibilitam. Já no ambiente político, essa estabilidade não está presente, visto que o mesmo enunciado estará sendo interpretado por diferentes formações discursivas. Se-

gundo Pêcheux:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. [...] de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 1990, p. 53)

Um acontecimento discursivo se dá nos discursos que são proferidos simultaneamente ao momento do acontecimento histórico, conferindo-lhe diferentes significados, visto que diferentes discursos carregam diferentes ideologias, mesmo quando dizem sobre um mesmo fato, e não pelos registros de historiadores ou da mídia, por exemplo. Simplificando, o acontecimento discursivo é o acontecimento histórico contado e ressignificado por meio de discursos, dos sujeitos que a respeito dele se manifestam.

Neste trabalho, o acontecimento histórico e discursivo se inicia com as denúncias de assédio em Hollywood, que fez com que os movimentos *#MeToo* e *#BalanceTonPorc* surgissem. Os próprios movimentos são também acontecimentos discursivos: os dois tratam de um mesmo assunto (assédio) e possuem o mesmo intuito (de denúncia e exposição), visto que a cada momento que as hashtags são citadas em posts na internet, elas se ressignificam; a cada “denúncia”, o “eu também” ganha um novo sentido, um novo significado.

No acontecimento discursivo que se dá em torno dos movimentos *#MeToo* e *#BalanceTonPorc*, temos inúmeros discursos, dentre os quais os dois que são aqui analisados, discursos antagônicos que carregam diferentes formações discursivas, mas que dizem sobre um mesmo acontecimento histórico, e contribuem para as diferentes construções de sentido e ressignificação do acontecimento. De um lado, mulheres que discordam do movimento, e que discursivizam mostrando o porquê de não concordarem, e de outro lado, mulheres que concordam com o movimento e também proferem discursos para manifestarem seus pontos de vista a respeito do acontecimento.

3. O papel social da mulher

Tendo ciência de que este artigo aborda o assédio sexual, um tema que está diretamente ligado à mulher, faz-se necessário que se aborde também a mulher e a história, por isso, nesta seção, traremos um resumo dos diferentes papéis que a mulher ocupou e ocupa na história e na sociedade, o que também contribuirá para a compreensão dos diferentes sen-

tidos assumidos pelo assédio sexual no discurso de mulheres, analisados adiante.

O panorama se inicia na Grécia antiga, onde, segundo Alvez & Pitanguy (1982), a mulher tinha os mesmos direitos e deveres de um escravo, visto que não podia votar e exercia funções manuais, atividades que não eram valorizadas socialmente.

As mulheres, na Grécia antiga, não pertenciam ao universo do pensamento e do conhecimento, muito valorizado nesse período. Segundo Alves & Pitanguy (1982), as únicas mulheres que tinham maior contato com esse mundo, ainda que de forma indireta, eram aquelas que se colocavam nesses ambientes com a função de entreter e tornar os momentos de discussões do homens mais “agradáveis”.

Na civilização romana, o papel da mulher se anulava por completo, com a estrutura familiar das *paterfamilias*, onde todos os membros eram subordinados ao *gens*, o pai, a figura masculina, como explica Paes:

Afamília romana, durante séculos, apresenta organização patriarcal. Significa isso que a família era, essencialmente, um grupo de pessoas subordinadas à autoridade de um chefe. (PAES, 1971, p. 19)

Na Idade Média, durante um bom tempo a mulher gozava de alguns direitos, como explica Beauvoir nesta citação:

Na Idade Média a mulher conservava ainda alguns privilégios: nas aldeias ela tomava parte nas assembleias dos habitantes, participava das reuniões primárias para a eleição dos deputados aos Estados Gerais e o marido só podia dispor a seu belprazer dos móveis: para alienar os bens imóveis, era necessário o consentimento da mulher. (BEAUVOIR, 2009, p. 114)

Nesse período, as mulheres também tinham acesso a quase todas as profissões e dispunham do direito de propriedade e sucessão de propriedade, assim, tinham acesso aos ensinamentos de contabilidade e legislação. Tinham também o direito de receber instrução profissional. A respeito da qualidade de chefe da família, segundo Alves & Pitanguy (1982), ela só poderia ocupar esta posição quando se tornasse viúva pelo período de um ano, ou enquanto não tivesse relações sexuais com outros homens.

Mesmo com todos os direitos que a mulher possuía na Idade Média, seu trabalho era desvalorizado e ela ainda era vista como a figura frágil, que se ocupava dos afazeres domésticos e estava sempre à espera de seu pretendente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir do século XVI, a situação da mulher volta a ser crítica, com a influência do direito Romano, conforme esta citação:

É no século XVI que se codificam as leis que se perpetuam durante todo o Antigo Regime; nessa época os costumes feudais já desapareceram totalmente e nada protege a mulher contra as pretensões dos homens que a querem prender ao lar doméstico. (BEAUVOIR, 2009, p. 114)

É nesse século que se inicia a chamada caça às bruxas, onde o discurso usado pelos inquisidores se resumia ao fato de a mulher ser mulher, pois, segundo eles, o sexo feminino era impuro e do diabo. Eles alegavam que a mulher era carnal e que havia saído da costela do homem, por isso era tortuosa.

No Renascimento, tem-se a valorização do conhecimento intelectual, de trabalhos para pessoas de níveis elevados. Temos mulheres trabalhando, mesmo que em um número menor, mas existe também desvalorização deste trabalho, visto que o valorizado no momento era aquele que exigia maior conhecimento, desempenhado por homens.

Durante a Revolução Francesa, a mulher lutava ao lado de seu marido, mas toda essa luta não surtia efeito para sua maior liberdade e igualdade de direitos, por isso Beauvoir (2009) trata a Revolução como sendo exclusivamente masculina. Foi nesta época que o movimento feminista foi se construindo com maior estabilidade e organização. Inúmeros manifestos foram publicados em forma de denúncia da situação da mulher.

Com o advento da máquina, as tarefas realizadas pelas mulheres no ambiente doméstico passaram a ser realizadas na indústria, e em um cenário de precariedade, os salários das mulheres, tanto quanto o dos homens, eram muito baixos. Mas, para ressaltar a desvalorização da mulher, os homens, ainda que pouco, ganhavam quase o dobro do que ganhavam as mulheres que realizavam as mesmas atividades nas mesmas condições precárias.

O século XIX foi marcado pela busca de direitos da classe operária. Dentre suas principais bandeiras, a conquista de maiores direitos trabalhistas e a luta pelo direito de votar e ser votado. Ao final deste século, o direito de votar já era uma conquista dos homens operários, mas reservados unicamente a eles. A partir daí, iniciou-se uma luta que duraria várias décadas: a luta pelo direito do sufrágio feminino, essa que, segundo Beauvoir (2009), foi capaz de unir mulheres de todas as classes, trabalhadora e burguesa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A Convenção de Direitos das Mulheres, convocada em 1848, pode ser considerada o marco inicial do movimento sufragista nos EUA (ALVES; PITANGUY, 2009). Somente em 1920 é aprovado o direito ao voto das mulheres. Na Inglaterra, Beauvoir (2009) vai dizer que a luta pelo sufrágio foi duradoura; inicialmente, as mulheres mantiveram posição quase que pacifista, mas, vendo que as atitudes não surtiam efeitos, a partir de 1912 as inglesas tomaram atitudes distintas, com maior violência, a fim de chamarem a atenção para sua causa.

É somente em 1918 que as mulheres inglesas conseguem parcialmente o direito ao voto, visto que possuíam restrições, e somente após dez anos, em 1928, é que conseguem votar sem qualquer restrição.

Nas décadas de 1930 e 1940, as mulheres já haviam conquistado tudo aquilo que reivindicaram no passado não tão distante. Podiam votar, se eleger, trabalhar e cursar o ensino superior. No final da década de 1930, a Segunda Guerra se inicia, e com a ida dos homens para o combate, resta para a mulher a função de trabalhar em todas as esferas. Com o fim da guerra e a necessidade de emprego para os homens, volta a reforçar-se a imagem da mulher dona do lar e o homem volta a ser o maior responsável por sustentar a família.

Em 1949, Simone de Beauvoir, um dos principais nomes do feminismo, lança o livro “O Segundo Sexo”, em que, apoiando-se na psicanálise, na biologia e na história, mostra as desigualdades sofridas pelas mulheres. Beauvoir acredita que a mulher é condicionada a ser mulher, pois, segundo a autora, não existe fator biológico que justifique a condição da mulher de ser inferior, a não ser fatores culturais, conforme esta citação:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 2009, p. 267)

A partir de Beauvoir, que teoriza o feminismo, muda-se o olhar da reflexão feminista, que volta a ganhar força a partir da década de 1960, com publicações voltadas aos estudos históricos do patriarcado, a fim de provar que este é cultural e universal, e que também está ligado às esferas de produção e econômica.

Atualmente, o feminismo, herança de Beauvoir ou não, estuda e luta para provar que a mulher é condicionada por valores que estão arraia-

gados na cultura e na sociedade, a acreditar que é inferior. Luta para provar que o estereótipo da mulher doce, dependente, sensível, emocional e inferior, e o estereótipo do homem forte, protetor, racional e superior ao sexo feminino são socialmente criados, e não naturais.

Alves & Pitanguy (1982) dizem que o novo discurso feminista, além de tentar provar sobre tudo isso, acredita que essas ideias estão internalizadas nas próprias mulheres, que ainda hoje têm dificuldade de se desamarrar da imagem de inferior que têm de si próprias e aceitam a condição de inferioridade na hierarquia dos sexos. Por isso, segundo esses autores, “a luta contra a discriminação implica assim na recriação de uma identidade própria que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo” (ALVES; PITANGUY, 1982, p. 57).

4. Análises de discursos antagonistas sobre assédio sexual

Depois de contextualizado o *corpus*, partiremos para sua análise. Visto que ele é composto por dois textos, por motivos metodológicos, optamos por dividi-los entre dois grupos: G1, o primeiro grupo, contrário ao movimento #MeToo; e G2, o grupo a favor do movimento e contrário ao G1. Nos fragmentos, algumas palavras e trechos se encontram negritados para destacar aquilo que podemos definir como ponto chave para os resultados da análise. Trataremos, primeiramente do G1, logo após o G2, e por fim analisaremos os contrastes de sentido entres ambos os discursos.

No G1, temos um manifesto assinado por aproximadamente cem mulheres⁶², dentre as quais jornalistas, intelectuais e atrizes, publicado originalmente no jornal francês *Le Monde* – sendo a versão consultada nesta monografia correspondente à publicação do jornal *El País* – e inicialmente intitulado de “Cem mulheres por um outro discurso”. Contudo, após muita repercussão, o manifesto teve seu título trocado por um de seus trechos: “Defendemos a liberdade de importunar indispensável à liberdade sexual”. Ao longo de todo o texto, temos uma reafirmação de suas opiniões e argumentos, que mostram o porquê de serem contrárias ao movimento #MeToo. Vamos ao primeiro fragmento:

[1] “[...] indivíduos que, sem ter a oportunidade de responder ou se defenderem, foram colocados exatamente no mesmo nível que os agressores”

⁶² Extraído de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/12/opinion/1515792486_891199.ht ml.

res sexuais. Esta justiça expeditiva já tem suas vítimas, homens impedidos do exercício de sua profissão, obrigados a demitir-se, etc., quando seu único erro foi terem tocado um joelho, tentado roubar um beijo, falado sobre coisas “íntimas” em um jantar de negócios ou enviado mensagens sexualmente explícitas [...].”

Neste fragmento, destacamos alguns trechos importantes para entendermos o sentido atribuído por essas mulheres (sentido esse que será construído durante todo o manifesto), ao que é e o que deixa de ser assédio sexual.

Ao dizerem que os homens denunciados no movimento #MeToo “foram colocados exatamente no mesmo nível que os agressores sexuais”, negam 1) que as atitudes denunciadas não sejam agressões e que, portanto, esses homens não são agressores, pois se são “colocados”, subentende-se que não pertencem ao mesmo nível. Aqui então é possível notar que aquilo que o #MeToo nomeia de assédio/ agressão, para este grupo não é.

Acontece também uma troca de papéis. Aquele que, no movimento, era vítima, passa a ser agressor, e o agressor passa agora a ser vítima, visto que dizem que os homens expostos são vítimas do que nomeiam de “justiça expeditiva”. No último trecho destacado deste fragmento, encontra-se uma tentativa de diminuir o peso das acusações feitas no #MeToo, quando enumeram uma sequência de comportamentos e lhes atribuem o título de “único erro” cometido pelos denunciados, atenuando a gravidade das ações cometidas.

[2] *“Essa febre de enviar ‘porcos’ ao matadouro, longe de ajudar as mulheres a se emancipar, na verdade serve aos interesses dos inimigos da liberdade sexual, dos extremistas religiosos, dos piores reacionários [...].”*

No fragmento [2], temos em destaque “inimigos da liberdade sexual”, permitindo a interpretação de que 1) aquilo que o movimento #MeToo entende como assédio é para o G1 a liberdade sexual sendo exercida, e assim 2) todos aqueles que se colocam contra (os apoiadores do movimento) estão, não contribuindo com as mulheres, mas agredindo a liberdade sexual.

[3] *“Ruwen Ogien defendeu uma liberdade de ofender indispensável à criação artística. Do mesmo modo, defendemos a liberdade de importunar, indispensável à liberdade sexual. Somos hoje suficientemente conscientes para admitir que a pulsão sexual é por natureza ofensiva e selvagem, mas também somos suficientemente clarividentes para não confundir paquera desajeitada e assédio sexual.*

Primeiramente, temos a frase polêmica que intitulou o manifesto: “defendemos a liberdade de importunar, indispensável à liberdade sexual”, por meio da qual pode-se compreender que mais uma vez afirmam que o que é chamado de assédio sexual é apenas a liberdade sexual posta em prática, e admitem que pode ser um ato incômodo, mas justificam ao dizer que “a pulsão sexual é por natureza ofensiva e selvagem”. Ao final, é empregado o termo “paquera desajeitada”, que confere uma nuance de inocência, visto que “paquera”, na maioria das vezes, é usada para designar relacionamentos adolescentes. Quando usam “desajeitada”, remetem a algo que acontece de forma não proposital, despreziosa, mais uma vez, assim, diminuindo o peso do que a *hashtag* nomeia de assédio sexual.

[4] “*Acreditamos que a liberdade de dizer não a uma proposta sexual não existe sem a liberdade de importunar. E consideramos que é preciso saber responder a essa liberdade de importunar de outra forma que se encerrando no papel de presa.*”

Já ao final do manifesto, tem-se mais uma vez uma reafirmação de que tudo o que é denunciado pelo movimento do Twitter é a liberdade sexual, e ao dizerem que “a liberdade de dizer não a uma proposta sexual não existe sem a liberdade de importunar”, também mostram de forma indireta que a liberdade da mulher de decidir sobre si e seu corpo está diretamente ligada à liberdade do homem de importunar, defendida por elas.

Quando se faz um histórico dos lugares ocupados pela mulher na sociedade, pode-se perceber que ela sempre ocupou lugar inferior ao homem, e na maioria das vezes todas suas atividades eram voltadas para o bem-estar do homem (cuidar da casa, dos filhos, ser responsável pela procriação e principalmente estar sempre disposta a satisfazer os desejos sexuais do marido). Beauvoir (2009) vai trazer em sua obra a ideia de que o machismo é um fator que está enraizado na sociedade e na cultura, e que a própria mulher é relutante, muitas vezes, em agir diferentemente daquilo que acredita ser de sua obrigação e contribui, de forma inconsciente, para reforçar o machismo.

No discurso analisado, é possível notar como a principal ideologia que constitui tanto a FI quanto a FD dos sujeitos é calcada na ideia do patriarcado, que pode ser definido como “formação social em que homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é assim, quase sinônimo de dominação masculina ou de opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p. 173), e que, por meio do esquecimento ideológico (PÊCHEUX 1975 *apud* 2004), se propaga no discurso de um gru-

po de mulheres, que não se assumem machistas ou apoiadoras do patriarcado em nenhum momento, mesmo conduzindo seu discurso moldado em ambos.

Partiremos, agora, para a descrição e análise dos fragmentos retirados do segundo texto⁶³, o do G2, um artigo publicado originalmente no site France Info – sendo a versão consultada aqui correspondente à publicação do jornal El País –, assinado por Caroline de Haas, feminista, ativista e política francesa, e mais aproximadamente outras trinta mulheres também feministas e ativistas. Visto que foi escrito como forma de resposta, é possível notar que, em toda sua construção, o artigo vai retomar os pontos principais tratados no texto do G1. Vejamos o primeiro fragmento.

[1] “ *‘Não se pode mais dizer nada’*. Como se o fato de nossa sociedade tolerar – um pouco – menos do que antes as **propostas sexistas**, assim como as **propostas racistas ou homofóbicas**, fosse um problema [...] aceitar **insultos** contra as mulheres significa, na verdade, autorizar as **violências**. ”

No fragmento [1], é possível identificar a presença de três nomes, grafados em negrito, atribuídos ao que no #MeToo é chamado de assédio, e no G1 é resumido à liberdade de importunar. Na necessidade de rebater, é perceptível que os termos usados são contrastantes com os do primeiro texto. Ao usarem essas palavras para renomear as atitudes, também pode-se compreendê-las como uma forma de apagamento dos termos empregados no texto anterior (G1), deixando clara a discordância.

[2] “ *‘Não se pode mais paquerar’*. As signatárias da tribuna misturam deliberadamente uma **relação de sedução, baseada no respeito e no prazer, com uma violência**. Misturar tudo é prático. Permite colocar tudo no mesmo saco. No fundo, se o **assédio ou a agressão são ‘a paquera pesada’**, é que não é tão grave. As signatárias se enganam. Não há uma diferença de grau entre a paquera e o assédio, mas uma diferença de natureza. **As violências não são “sedução exagerada”**. De um lado, considera-se a outra como **igual, respeitando** seus desejos, quaisquer que sejam. De outro, como um **objeto à disposição**, sem ligar para seus próprios desejos nem para seu consentimento.

Neste trecho, é feito um contraponto entre o que essas mulheres acreditam ser a liberdade sexual e explicam sob seus pontos de vista a diferença de concepções. Para elas, a liberdade se baseia no respeito e na igualdade e, quando não se tem isso, passa a ser violência. Também é

⁶³ Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/10/opinion/1515603361_556237.html.

possível notar, neste fragmento, o interdiscurso, no uso de um termo do primeiro texto (paquera), para mostrar como o que elas chamam de violência/ assédio é desvalorizado naquele discurso.

[3] *As mulheres são, portanto, designadas como responsáveis por não serem agredidas. Quando colocaremos a questão da responsabilidade dos homens de não estuprar ou agredir?*

Ao usarem o termo “agredidas”, abre-se espaço para a compreensão de que as ações tratadas são agressões, pois quem é agredido obviamente sofreu agressões, e isso se ressalta quando usam “estuprar” ou “agredir”, referindo-se aos atos dos homens. É possível notar uma discordância com um dos trechos destacados nesta análise, referente ao G1, em que se tem a inversão de papéis entre vítima e agressor. Essa ideia é retomada aqui, mas dessa vez a mulher volta a ser vítima, e o homem, agressor.

[4] *“Com este texto, elas tentam recolocar a camisa de força que começamos a retirar. Elas não conseguirão. Nós somos as vítimas de violência. Não temos vergonha. Estamos de pé. Fortes. Entusiastas. Determinadas. Vamos acabar com as violências sexistas e sexuais.”*

Logo ao final do texto, há uma referência explícita ao manifesto publicado no *Le Monde*, e mais uma vez o termo “violência” é empregado para reafirmar a ideia de que assédio sexual é violência.

Nesse discurso, a principal base que constitui as formações ideológica e discursiva é a do feminismo. Voltando ao histórico do papel da mulher, podemos notar que, ao mesmo tempo em que a mulher ocupou e ainda ocupa um lugar inferior ao do homem, ela também sempre lutou para conquistar direitos e se aproximar cada vez mais de uma igualdade entre os gêneros.

Nos últimos anos, com a internet, o feminismo voltou a ganhar maior visibilidade e ser um assunto bastante recorrente na mídia, e nas outras tantas esferas da sociedade. Novamente, volta-se a falar dos direitos da mulher, da sua busca pela igualdade e, tendo-se ciência de que a globalização e a modernização também afetam a sociedade, novas pautas foram surgindo.

Aqui vemos um discurso que, de acordo com Orlandi (2004), é polêmico, ou seja, dialoga com um anteriormente construído. Essa relação é explícita, já que o discurso é uma resposta ao manifesto. Temos aqui, também, o esquecimento, pois mesmo sabendo que os sujeitos são feministas, em nenhum momento esse fator é dito explicitamente por seus

sujeitos, mas, por meio das palavras e ideias desenvolvidas, é possível identificar que se trata de sujeitos feministas.

5. Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo identificar o(s) sentido(s) atribuído(s) por diferentes sujeitos ao termo “assédio sexual”, e como eles se chocam, tendo como princípio a ideia de que diferentes formações ideológicas estabelecem diferentes formações discursivas e, consequentemente, diferentes discursos.

Por meio das análises, foi possível observar como o sujeito é interpelado pela ideologia do lugar social de onde fala, e como essa ideologia se materializa nas palavras, no discurso. Também é notável como as diferentes formações discursivas contribuem para a mudança de sentido de um mesmo termo.

Em cada um dos discursos, “assédio sexual” ganha um novo sentido, ou perde um sentido que os sujeitos não consideram pertinente de acordo com a ideologia que os atravessa. O que, para um grupo, significa apenas uma “paquera desajeitada”, o homem exercendo sua “liberdade-sexual”, para o outro grupo é interpretado como desrespeito à igualdade, às escolhas da mulher, e mais ainda, como “violência”.

Diante do exposto, é possível concluir que o movimento #MeToo, diante de sua repercussão, resultou num acontecimento discursivo, que, por sua vez, é construído por discursos muitas vezes antagônicos e polêmicos, como os analisados, levantando questionamentos diversos, que extrapolam os discutidos no âmbito deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo?*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena, H. M. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B. C.; ATIK, M. Luiza G. (orgs). *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BRANDÃO, Helena, H. M. *Analisando o discurso*. Museu da Língua Portuguesa. [s.d]

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

EL PAÍS. *A íntegra do manifesto assinado por Catherine Deneuve*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/12/opinion/1515792486_891199.html> Acesso em 9 abr. 2018.

EL PAÍS. *Feministas francesas a Catherine Deneuve: “Os porcos e seus (suas) aliado(a)s têm razão de se inquietar”*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/10/opinion/1515603361_556237.html> Acesso em 9 abr. 2018.

HIRATA, Helena *et al.*, (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2004.

PAES, Elpídio Ferreira. Estrutura e Evolução da Família Romana. In: *Revista da Faculdade de Direito de Porto Alegre*. Porto Alegre, ano 5, p. 19-25, 1971.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1990.

RASSI, Amanda P. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das Vadias”. In: *Revista de História da UEG*, Goiânia, V. 1, n. 1 p. 43-63, 2012.